

PROCEDIMENTO INVESTIGATÓRIO DO MP Nº 0006932-68.2014.8.17.0000 (0342231-1) ÓRGÃO JULGADOR: Seção Criminal AUTOR: Justiça Pública INVESTIGADOS: Jocelino Ramos de Carvalho Filho, Eduardo Ramos de Carvalho e Dannilo Cavalcante Vieira (Prefeito do Município de Bom Conselho/PE). PROCURADOR: Dr. Clênio Valença Avelino de Andrade RELATORA: Des. Daisy Maria de Andrade Costa Pereira DECISÃO Ab initio, com relação ao petítório de fls. 1.435/1.436, indefiro o pedido e mantenho a decisão de fls. 1.430/1.431. Cuida-se de persecução penal instaurada face ao cometimento de ação delitiva tipificada nos arts. 121, §2º, I e IV c/c 29, ambos do Código Penal. (fls. 02/07) Os investigados Jocelino Ramos de Carvalho Filho, Eduardo Ramos de Carvalho e Dannilo Cavalcante Vieira (este último atual Prefeito do Município de Bom Conselho/PE), foram denunciados pelo Ministério Público do Estado da Paraíba, em face do crime tipificado no art. 121, §2º, I e IV c/c art. 29 do Código de Penal. (fls. 02/07) Consta na Denúncia que: "Em 25 de janeiro de 2011, por volta das 22:00 horas, nas cercanias da Avenida Afonso Pena com Campos Sales, Bairro do Bessa nesta Cidade e Comarca, os acoimados, por motivo torpe e recurso que impossibilitou a defesa da vítima, em nítida coautoria e divisão de tarefas, desfecharam disparos de arma de fogo contra a vítima RUFINO GOMES DE ARAÚJO NETO, conhecido como MORCEGUINHO, os quais foram causa suficiente para morte imediata, como se observa do laudo acostado ao feito". (fls. 02/08) Consta dos autos que o motivo do crime foi: "A subtração de uma garrafa plástica, durante o show da Banda Forró Garota Safada, pela então testemunha do processo Ricardo Araújo de Medeiros contendo aproximadamente "três dedos de uísque, pertencente ao grupo integrado pelos acusados e que, segundo relato da mesma, a reportada garrafa teria sido abandonada no local pelos acusados. (...) Os acusados dolosamente executaram a vítima em 25 de janeiro de 2011, por volta das 22:00 horas, no Bairro do Bessa, com modus operandi de execução sumária, pois utilizaram dois veículos, um automóvel prata tipo ratch e uma motocicleta de cor vermelha e alvejaram a vítima com 04 (quatro) disparos de arma de fogo pelas costas, valendo observar que o acusado JOCELINO é proprietário do automóvel com idênticas características do usado no crime, bem como o acusado EDUARDO é ex-integrante da Polícia Militar de Pernambuco, ou seja, tem curso para uso de arma de fogo. (...) Cabe destacar que durante as investigações, máxime a interceptação telefônica e extratos reversos, comprovou-se que os assacados EDUARDO CAVALCANTE RAMOS DE CARVALHO e DANNILO CAVALCANTE VIEIRA se encontraram nas proximidades do local do crime, bem como no horário aproximado do delito e, desde aquela data, não foram mais vistos nesta Capital, pois imediatamente após o homicídio, EDUARDO E DANNILO saíram da Capital, como se comprova pelas ligações recebidas nas proximidades dos Municípios de Caapora/PB, Goiânia/PE e Bom Conselho/PE, ou seja, logo após a execução retornaram para a cidade de origem." (fls. 02/08). Em 19/04/2011, a denúncia foi recebida pelo Juízo da 2ª Vara do Tribunal Júri da Paraíba conforme consta às fls. 180. Em 17/12/2012, conforme certidão de fls. 873, Dannilo Cavalcante Vieira, foi diplomado Prefeito de Bom Conselho/PE então, de acordo com a previsão do art. 29, X, da Constituição Federal, o Juízo da Paraíba, declinou da sua competência, remetendo os autos a este Egrégio Tribunal de Justiça (fls. 881/1082/1083). Com base no atual entendimento dos Tribunais Superiores no que tange ao foro por prerrogativa de função, entendo pela incompetência deste Sodalício para processar e julgar o presente feito, senão vejamos: O STF no julgamento da Ação Penal 937, de Relatoria do Ministro Roberto Barroso, assim decidiu: QUESTÃO DE ORDEM NA AÇÃO PENAL 937 (445) ORIGEM: PROC - 83529520096190000 - TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL PROCED.: RIO DE JANEIRO RELATOR :MIN. ROBERTO BARROSO AUTOR (A/S) (ES): MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL PROC. (A/S) (ES): PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA RÉU (É) (S): MARCOS DA ROCHA MENDES ADV. (A/S): CARLOS MAGNO SOARES DE CARVALHO (73969/RJ) Decisão: Após o voto do Ministro Roberto Barroso (Relator), resolvendo questão de ordem com a fixação das seguintes teses: "(i) O foro por prerrogativa de função aplica-se apenas aos crimes cometidos durante o exercício do cargo e relacionados às funções desempenhadas; e (ii) Após o final da instrução processual, com a publicação do despacho de intimação para apresentação de alegações finais, a competência para processar e julgar ações penais não será mais afetada em razão de o agente público vir a ocupar outro cargo ou deixar o cargo que ocupava, qualquer que seja o motivo", com o entendimento de que esta nova linha interpretativa deve se aplicar imediatamente aos processos em curso, com a ressalva de todos os atos praticados e decisões proferidas pelo STF e pelos demais juízos com base na jurisprudência anterior, conforme precedente firmado na Questão de Ordem no Inquérito 687 (Rel. Min. Sydney Sanches, j. 25.08.1999), e, como resultado, no caso concreto, determinando a baixa da ação penal ao Juízo da 256ª Zona Eleitoral do Rio de Janeiro para julgamento, tendo em vista que (i) os crimes imputados ao réu não foram cometidos no cargo de Deputado Federal ou em razão dele, (ii) o réu renunciou ao cargo para assumir a Prefeitura de Cabo Frio, e (iii) a instrução processual se encerrou perante a 1ª instância, antes do deslocamento de competência para o Supremo Tribunal Federal, o julgamento foi suspenso. Falaram: pelo Ministério Público Federal, o Dr. Rodrigo Janot Monteiro de Barros, Procurador-Geral da República, e, pelo réu, Marcos da Rocha Mendes, o Dr. Carlos Magno Soares de Carvalho. Presidência da Ministra Cármen Lúcia. Plenário, 31.05.2017. Com uma simples leitura da decisão acima colacionada, podemos concluir que, o foro por prerrogativa de função aplica-se apenas aos crimes cometidos durante o exercício do cargo e relacionados às funções desempenhadas. Com tal entendimento, a referida decisão fatalmente atingirá todo e qualquer réu que tenha prerrogativa de foro, e não somente os parlamentares federais, sendo possível concluir que pelo "princípio da simetria", as decisões proferidas pelo STF serão aplicadas em outras instâncias. Assim, Prefeitos, ao meu entendimento, igualmente deixaram de ter tal prerrogativa, salvo em relação aos crimes cometidos durante o exercício do cargo e relacionados às funções desempenhadas, o que não é o caso. O que nos faz concluir que os demais Tribunais (STJ, TJ, TRF) podem adotar o mesmo raciocínio que o STF e passar a restringir o foro por prerrogativa de função. Seguindo o entendimento acima esposado, o STJ enviou ao Tribunal de Justiça da Paraíba o caso do Governador do Estado da Paraíba, que estava sendo analisado por aquela Corte. O ministro do STJ Luís Felipe Salomão entendeu que, pelo princípio da simetria, a restrição vale também para governadores, que têm foro privilegiado no tribunal. Esse é o

primeiro caso, em que a Corte aplica a restrição do foro, vejamos a decisão na íntegra com destaques nossos: AÇÃO PENAL Nº 866 - DF (2013/0258052-5) (f) RELATOR: MINISTRO LUIS FELIPE SALOMÃO AUTOR: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL RÉU: RICARDO VIEIRA COUTINHO ADVOGADO: SHEYNER YASBECK ASFORA - PB011590 DECISÃO 1. Diante da recente e notória decisão do Plenário do Supremo Tribunal Federal, ao julgar questão de ordem na AP 937, da relatoria do Ministro Roberto Barroso, conferindo nova e conforme interpretação ao art. 102, I, b e c da CF, assentando a competência da Corte Suprema para processar e julgar os membros do Congresso Nacional exclusivamente quanto aos crimes praticados no exercício e em razão da função pública, e que tem efeitos prospectivos, em linha de princípio, ao menos em relação às pessoas detentoras de mandato eletivo com prerrogativa de foro perante este Superior Tribunal de Justiça (CF, art. 105, I, "a"), faz-se necessária igual observância da regra constitucional a justificar eventual manutenção, ou não, do trâmite processual da presente ação penal perante a Corte Especial deste Tribunal Superior. O voto condutor na questão de ordem suscitada pelo eminente Relator no STF está assim ementado: "Ementa: DIREITO CONSTITUCIONAL E PROCESSUAL PENAL. QUESTÃO DE ORDEM EM AÇÃO PENAL. LIMITAÇÃO DO FORO POR PRERROGATIVA DE FUNÇÃO AOS CRIMES PRATICADOS NO CARGO E EM RAZÃO DELE. ESTABELECIMENTO DE MARCO TEMPORAL DE FIXAÇÃO DE COMPETÊNCIA. I. Quanto ao sentido e alcance do foro por prerrogativa 1. O foro por prerrogativa de função, ou foro privilegiado, na interpretação até aqui adotada pelo Supremo Tribunal Federal, alcança todos os crimes de que são acusados os agentes públicos previstos no art. 102, I, b e c da Constituição, inclusive os praticados antes da investidura no cargo e os que não guardam qualquer relação com o seu exercício. 2. Impõe-se, todavia, a alteração desta linha de entendimento, para restringir o foro privilegiado aos crimes praticados no cargo e em razão do cargo. É que a prática atual não realiza adequadamente princípios constitucionais estruturantes, como igualdade e república, por impedir, em grande número de casos, a responsabilização de agentes públicos por crimes de naturezas diversas. Além disso, a falta de efetividade mínima do sistema penal, nesses casos, frustra valores constitucionais importantes, como a probidade e a moralidade administrativa. 3. Para assegurar que a prerrogativa de foro sirva ao seu papel constitucional de garantir o livre exercício das funções e não ao fim ilegítimo de assegurar impunidade é indispensável que haja relação de causalidade entre o crime imputado e o exercício do cargo. A experiência e as estatísticas revelam a manifesta disfuncionalidade do sistema, causando indignação à sociedade e trazendo desprestígio para o Supremo. 4. A orientação aqui preconizada encontra-se em harmonia com diversos precedentes do STF. De fato, o Tribunal adotou idêntica lógica ao condicionar a imunidade parlamentar material i.e., a que os protege por suas opiniões, palavras e votos à exigência de que a manifestação tivesse relação com o exercício do mandato. Ademais, em inúmeros casos, o STF realizou interpretação restritiva de suas competências constitucionais, para adequá-las às suas finalidades. Precedentes. II. Quanto ao momento da fixação definitiva da competência do STF 5. A partir do final da instrução processual, com a publicação do despacho de intimação para apresentação de alegações finais, a competência para processar e julgar ações penais do STF ou de qualquer outro órgão não será mais afetada em razão de o agente público vir a ocupar outro cargo ou deixar o cargo que ocupava, qualquer que seja o motivo. A jurisprudência desta Corte admite a possibilidade de prorrogação de competências constitucionais quando necessária para preservar a efetividade e a racionalidade da prestação jurisdicional. Precedentes. III. Conclusão 6. Resolução da questão de ordem com a fixação das seguintes teses: (i) O foro por prerrogativa de função aplica-se apenas aos crimes cometidos durante o exercício do cargo e relacionados às funções desempenhadas; e (ii) Após o final da instrução processual, com a publicação do despacho de intimação para apresentação de alegações finais, a competência para processar e julgar ações penais não será mais afetada em razão de o agente público vir a ocupar cargo ou deixar o cargo que ocupava, qualquer que seja o motivo. 7. Aplicação da nova linha interpretativa aos processos em curso. Ressalva de todos os atos praticados e decisões proferidas pelo STF e demais juízos com base na jurisprudência anterior. 8. Como resultado, determinação de baixa da ação penal ao Juízo da 256ª Zona Eleitoral do Rio de Janeiro, em razão de o réu ter renunciado ao cargo de Deputado Federal e tendo em vista que a instrução processual já havia sido finalizada perante a 1ª instância." 2. Assim, parece claro que o Excelso Pretório decidiu que se faz necessária a adoção de interpretação restritiva das competências constitucionais, consoante precedentes recentes daquela Suprema Corte. Nesse sentido, confira-se o entendimento da maioria, cristalizado nas palavras do eminente Relator, Ministro Roberto Barroso, in verbis: 31. Ademais, não há qualquer impedimento para que o Supremo Tribunal Federal interprete de forma restritiva as normas constitucionais que instituem o foro privilegiado. No caso, tais competências constitucionais são sobreinclusivas, já que, ao abrangerem a possibilidade de que autoridades sejam processadas originariamente perante tribunais por ilícitos inteiramente desvinculados de suas funções, distanciam-se da finalidade que justificou a criação da prerrogativa. Por isso, é possível fazer uma redução teleológica das mesmas para que sejam interpretadas como aplicáveis somente quanto aos crimes praticados no cargo e em razão dele. 32. O foro especial está previsto em diversas disposições da Carta de 1988. Vejamos alguns exemplos. O art. 102, I, 'b' e 'c', estabelece a competência do STF para processar e julgar, originariamente, (...) nas infrações penais comuns, o Presidente da República, o Vice-Presidente, os membros do Congresso Nacional, seus próprios Ministros e o Procurador-Geral da República, bem como os Ministros de Estado e os Comandantes Militares, os membros dos Tribunais Superiores, os membros do Tribunal de Contas da União e os chefes de missão diplomática de caráter permanente. O art. 53, § 1º ainda determina que Os Deputados e Senadores, desde a expedição do diploma, serão submetidos a julgamento perante o Supremo Tribunal Federal. Já o art. 105, I, 'a', define a competência do STJ para processar e julgar originariamente, nos crimes comuns, os Governadores dos Estados e do Distrito Federal, e, ainda, os desembargadores dos Tribunais de Justiça dos Estados e do Distrito Federal, os membros dos Tribunais de Contas dos Estados e do Distrito Federal, os dos Tribunais Regionais Federais, dos Tribunais Regionais Eleitorais e do Trabalho, os membros dos Conselhos ou Tribunais de Contas dos Municípios e os do Ministério Público da União que oficiem perante tribunais. E o art. 29, X, prevê o julgamento do Prefeito perante o Tribunal de Justiça. 33. Embora se viesse interpretando a literalidade desse dispositivo no sentido de que o foro privilegiado abrangia todos os crimes comuns, é possível e desejável atribuir ao texto normativo acepção mais restritiva, com base na teleologia do instituto e nos demais elementos de interpretação constitucional. Trata-se da chamada redução teleológica ou, de forma mais geral,

da aplicação da técnica da dissociação, que consiste em reduzir o campo de aplicação de uma disposição normativa a somente uma ou algumas das situações de fato previstas por ela segundo uma interpretação literal, que se dá para adequá-la à finalidade da norma. Nessa operação, o intérprete identifica uma lacuna oculta (ou axiológica) e a corrige mediante a inclusão de uma exceção não explícita no enunciado normativo, mas extraída de sua própria teleologia. Como resultado, a norma passa a se aplicar apenas a parte dos fatos por ela regulados. A extração de cláusulas de exceção implícitas serve, assim, para concretizar o fim e o sentido da norma e do sistema normativo em geral. 34. Essa técnica não constitui nenhuma novidade para o STF, que já realizou, em diversas hipóteses, a interpretação restritiva das competências previstas na Constituição por meio da inclusão de cláusulas de exceção que reduzem o seu alcance. Nesse sentido, a jurisprudência do Tribunal tem enfatizado a possibilidade de o Supremo Tribunal Federal, atuando na condição de intérprete final da Constituição, proceder à construção exegética do alcance e do significado das cláusulas constitucionais que definem a própria competência originária desta Corte (ADI 2797). Em verdade, quase nenhuma competência jurisdicional prevista na Constituição permanece imune a interpretações que limitem a abrangência que, *prima facie*, parecem ter. Por exemplo, a Carta Magna prevê que compete ao Supremo processar e julgar a ação direta de inconstitucionalidade de lei ou ato normativo federal ou estadual (art. 102, I, 'a'). Embora o dispositivo não traga qualquer restrição temporal, o STF consagrou entendimento de que não cabe ação direta contra lei anterior à Constituição, porque, ocorrendo incompatibilidade entre ato normativo infraconstitucional e a Constituição superveniente, fica ele revogado (ADI 521, Rel. Min. Paulo Brossard, j. 07.02.1992). 35. Do mesmo modo, o Supremo definiu que a competência para julgar as causas e os conflitos entre a União e os Estados (CF, art. 102, I, 'f') não abarca todo e qualquer conflito entre entes federados, mas apenas aqueles capazes de afetar o pacto federativo (ACO 359-QO; ACO 1048-QO; ACO 1295-AgR-Segundo). Veja-se a respeito trecho da ementa de julgamento da ACO 597-AgR (Rel. Min. Celso de Mello, j. 03.10.2002): a jurisprudência da Corte traduz uma audaciosa redução do alcance literal da alínea questionada da sua competência original: cuida-se, porém, de redução teleológica e sistematicamente bem fundamentada, tão-manifesta, em causas como esta, se mostra a ausência dos fatores determinantes da excepcional competência originária do S.T.F. para o deslinde jurisdicional dos conflitos federativos. 36. A Constituição também atribui a esta Corte a competência para julgar as ações contra o Conselho Nacional de Justiça (CF, art. 102, I, 'r'). *Prima facie*, essa disposição se refere a todas as ações, sem exclusão. No entanto, segundo a jurisprudência do Tribunal, somente estão sujeitas a julgamento perante o STF o mandado de segurança, o mandado de injunção, o habeas data e o habeas corpus, pois somente nessas situações o CNJ terá legitimidade passiva *ad causam* (AO 1706 AgR). E mais: ainda quando se trate de MS, o Supremo só reconhece sua competência quando a ação se voltar contra ato positivo do Conselho Nacional de Justiça (MS 27712; MS 28839 AgR). 37. Há, ainda, previsão constitucional de julgamento pelo Supremo da ação em que todos os membros da magistratura sejam direta ou indiretamente interessados, e aquela em que mais da metade dos membros do tribunal de origem estejam impedidos ou sejam direta ou indiretamente interessados (art. 102, I, 'n'). Em relação à primeira parte do dispositivo, o STF entende que a competência só se aplica quando a matéria versada na causa diz respeito a interesse privativo da magistratura, não envolvendo interesses comuns a outros 18 servidores (AO 468 QO). Em relação à segunda parte do preceito, entende-se que o impedimento e a suspeição que autorizam o julgamento de ação originária pelo STF pressupõem a manifestação expressa dos membros do Tribunal competente, em princípio, para o julgamento da causa (MS 29342). 38. Em todos esses casos (e em muitos outros), entendeu-se possível a redução teleológica do escopo das competências originárias do STF pela via interpretativa. E em nenhum deles a adoção de interpretação mais abrangente implicaria clara ofensa a preceitos fundamentais da Constituição, como ocorre no presente caso. Afinal, se o STF reconhecesse o cabimento de MS perante a Corte contra ato negativo do CNJ (como o fez inicialmente), não haveria, de plano, violação a qualquer princípio ou valor constitucional. Diversamente, em relação à competência criminal originária, a adoção de interpretação ampliativa põe em risco os princípios da igualdade e da república. É, no mínimo, incoerente que o Supremo adote um parâmetro geral de interpretação restritiva de suas competências, mas não o aplique justamente para as competências que instituem o foro por prerrogativa de função, que são as que têm maior potencial para ofender princípios estruturantes da ordem constitucional. 39. Portanto, a interpretação restritiva proposta é a interpretação mais adequada da Constituição e está em linha com diversos precedentes do STF. 3. De outra parte, pelo princípio da simetria, os Estados são obrigados a se organizarem de forma simétrica à prevista para a União. Afinal, de acordo com o art. 25, caput, da CF/1988, "os Estados organizam-se e regem-se pelas Constituições e leis que adotarem, observados os princípios desta Constituição". A jurisprudência da Corte Constitucional sempre conferiu grande relevância ao princípio da simetria. Confirmam-se: Ação direta de inconstitucionalidade. Artigo 53, inciso IV, e art. 81, ambos da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul. Necessidade de prévia autorização da Assembleia Legislativa para o afastamento do governador e do vice-governador do País por qualquer tempo. Princípio da simetria. Princípio da separação dos Poderes. Confirmação da medida cautelar. Procedência. 1. A Carta da República, em seus arts. 49, inciso III, e 83, dispôs ser da competência do Congresso Nacional autorizar o presidente e o vice-presidente da República a se ausentarem do País quando a ausência for por período superior a quinze dias. 2. Afronta os princípios da separação dos Poderes e da simetria disposição da Constituição estadual que exige prévia licença da Assembleia Legislativa para que o governador e o vice-governador se ausentem do País por qualquer prazo. 3. Trata-se de mecanismo do sistema de freios e contrapesos, o qual somente se legitima nos termos já delineados pela própria Lei Maior, sendo vedado aos estados-membros criar novas ingerências de um Poder na órbita de outro que não derivem explícita ou implicitamente de regra ou princípio da Lei Fundamental. Precedentes. 4. Ação direta julgada procedente. (ADI 775, Relator(a): Min. DIAS TOFFOLI, Tribunal Pleno, julgado em 03/04/2014, ACÓRDÃO ELETRÔNICO DJe-099 DIVULG 23-05-2014 PUBLIC 26-05-2014) ----- MANDATO _ DEPUTADO ESTADUAL _ CONDENAÇÃO CRIMINAL _ PERDA. Contraria a Constituição Federal jungir a atuação da Assembleia Legislativa, quanto à perda de mandato de deputado estadual, no caso de condenação criminal, aos crimes apenados com reclusão e atentatórios ao decoro parlamentar. PARLAMENTAR. PERDA DE MANDATO. CONDENAÇÃO CRIMINAL. CONSTITUIÇÃO ESTADUAL. RESTRIÇÃO. Conflita com o disposto no artigo 27, § 1º, do Diploma Maior norma local, ainda que de

envergadura maior contida na Carta estadual, que implique limitação à perda do mandato a certas situações criminais. (ADI 3200, Relator(a): Min. MARCO AURÉLIO, Tribunal Pleno, julgado em 22/05/2014, ACÓRDÃO ELETRÔNICO DJE-207 DIVULG 20-10-2014 PUBLIC 21-10-2014) ----- MEDIDA CAUTELAR NA AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE. ART. 305 DA CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO PARÁ. PENSÃO VITALÍCIA PARA EX-GOVERNADORES. 1. No vigente ordenamento republicano e democrático brasileiro, os cargos políticos de chefia do Poder Executivo não são exercidos nem ocupados 'em caráter permanente', por serem os mandatos temporários e seus ocupantes, transitórios. 2. Ex-governador não é mais agente público, pelo que não se poderia cogitar de vinculação de categoria remuneratória afeta à desembargador do Estado, do Tribunal de Justiça do Estado. A remissão ao vencimento do governador em exercício ou, na espécie, de desembargador, para fixação do padrão de subsídio, patenteia estender-se o subsídio a quem não mais trabalha no Estado e, por isso, não teria razão para ser remunerado, menos ainda em idêntica situação a quem está no cargo. 3. A carência de parâmetro constitucional nacional e a inauguração de padrão normativo estadual em desacordo com os princípios da Constituição da República, especialmente aqueles referentes às regras orçamentárias e aos princípios constitucionais da Administração Pública, evidenciam a relevância jurídica da questão posta e os gravames jurídicos e sociais que a preservação dos efeitos da norma poderia acarretar. 4. Precedentes. 5. Medida cautelar deferida para suspender a eficácia do art. 305, caput e § 1º, da Constituição do Estado do Pará, até julgamento de mérito da presente ação. (ADI 4552 MC, Relator(a): Min. CARMEN LÚCIA, Tribunal Pleno, julgado em 09/04/2015, PROCESSO ELETRÔNICO DJE-109 DIVULG 08-06-2015 PUBLIC 09-06-2015) ----- Ação Direta de Inconstitucionalidade. Lei estadual nº 5.729/95. Regime Jurídico do Policial Militar. Vício de Iniciativa (CF, art. 61, § 1º, II, c e f). Elegibilidade do policial militar. Matéria de Direito Eleitoral. Competência legislativa da União (CF, art. 22, I, e art. 14, § 8º). Direito de opção pela fonte da qual deverá receber sua remuneração. Violação ao art. 38 da Carta Fundamental. 1. É inconstitucional, por afronta à iniciativa privativa prevista no art. 61, § 1º, II, c e f, da Constituição, a Lei nº 5.729/95 do Estado de Alagoas, que dispõe sobre a transferência para a reserva e a reforma do policial militar, por se tratar de matérias afetas ao seu regime jurídico. 2. Ao dispor sobre o regime jurídico a que o policial militar estaria sujeito em caso de eleição para cargo público, a Lei estadual nº 5.729/95 invadiu competência legislativa da União, prevista no art. 22, I, da Constituição. 3. A Lei estadual nº 5.729/95 ofendeu, ainda, o conteúdo material do art. 14, § 8º, da Constituição, quando previu hipóteses i) de retorno ao serviço de policial militar que tenha assumido cargo público eletivo e ii) de opção pela fonte de remuneração. 4. A autorização, ao militar eleito, de optar pela fonte de pagamento, qualquer que seja a natureza do mandato, destoava do regramento constitucional disposto no art. 38 da Carta Fundamental, que somente permite o direito de opção nas estritas hipóteses de vereador e de prefeito municipal. 5. Ausência de prejuízo da ação no que se refere ao art. 3º, incisos V e VI, da Lei estadual nº 5.729/95. O vício de iniciativa é suficiente para configurar a inconstitucionalidade do dispositivo, o que dispensa maiores considerações acerca da alteração de parâmetro promovida pela Emenda Constitucional nº 18/98. 6. Ação direta julgada procedente. (ADI 1381, Relator(a): Min. DIAS TOFFOLI, Tribunal Pleno, julgado em 21/08/2014, ACÓRDÃO ELETRÔNICO DJE-197 DIVULG 08-10-2014 PUBLIC 09-10-2014). Assim, o princípio da simetria informa a interpretação de qualquer regra que envolva o pacto federativo no Brasil. 4. No caso em exame, é ação penal na qual foi ofertada denúncia em face de RICARDO VIEIRA COUTINHO, atual Governador do Estado da Paraíba, pela suposta prática de 12 (doze) crimes de responsabilidade de prefeitos (art. 1º, inciso XIII, do DL 201/67), decorrente da nomeação e admissão de servidores contra expressa disposição de lei, ocorridos entre 01.01.2010 e 01.02.2010, quando o denunciado exercia o cargo de Prefeito Municipal de João Pessoa/PB, ou seja, delitos que, em tese, não guardam relação com o exercício, tampouco teriam sido praticados em razão da função pública atualmente exercida pelo denunciado como Governador. Nessa conformidade, reconhecida a inaplicabilidade da regra constitucional de prerrogativa de foro ao presente caso, por aplicação do princípio da simetria e em consonância com a decisão da Suprema Corte antes referida, determino a remessa dos autos ao Egrégio Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, para distribuição a uma das Varas Criminais da Capital, e posterior prosseguimento da presente ação penal perante o juízo competente. A remessa dos autos só deverá ocorrer após o trânsito em julgado desta decisão. Ciência ao Ministério Público e à Defesa. Publique-se e intimem-se. Brasília (DF), 07 de maio de 2018. MINISTRO LUIS FELIPE SALOMÃO Relator (Ministro LUIS FELIPE SALOMÃO, 08/05/2018) O Ministro Luís Felipe Salomão avaliou que o caso do governador deve ir ao Tribunal de Justiça da Paraíba porque se trata de um processo sobre suposto crime cometido antes do cargo atual, quando Ricardo Vieira Coutinho era prefeito de João Pessoa. Após uma análise minuciosa, e ainda, considerando o "princípio da simetria", entendo falecer competência a esta Corte para processar a presente Ação Penal em razão da nova regra de interpretação acerca do foro privilegiado cujo alcance também se aplica ao investigado Dannilo Cavalcante Vieira (Prefeito do Município de Bom Conselho/PE). Conforme relatado, o Prefeito de Bom Conselho Dannilo Cavalcante Vieira em concurso com Jocelino Ramos de Carvalho Filho e Eduardo Ramos de Carvalho, estão sendo processados, sob a acusação de que no dia 25 de janeiro de 2011, por volta das 22:00 horas, nas cercanias da Avenida Afonso Pena com Campos Sales, Bairro do Bessa, João Pessoa, por motivo torpe e recurso que impossibilitou a defesa da vítima, em nítida coautoria e divisão de tarefas, desfecharam disparos de arma de fogo contra a vítima RUFINO GOMES DE ARAÚJO NETO, conhecido como MORCEGUINHO, os quais foram causa suficiente para morte imediata. Ora, na data do crime, Dannilo Cavalcante Vieira ainda não era Prefeito de Bom Conselho, sendo diplomado Prefeito de Bom Conselho/PE em 17/12/2012, conforme certidão de fls. 873, e ainda que já estivesse gozando de foro por prerrogativa de função, o delito pelo qual responde o atual o Prefeito de Bom Conselho, é estranho ao exercício de suas funções. Segundo a denúncia, o motivo do crime teria sido a "subtração de uma garrafa plástica, durante o show da Banda Forró Garota Safada, pela então testemunha do processo Ricardo Araújo de Medeiros contendo aproximadamente "três dedos de uísque, pertencente ao grupo integrado pelos acusados e que, segundo relato da mesma, a reportada garrafa teria sido abandonada no local pelos acusados". Diante do exposto, determino a remessa dos presentes ao Tribunal de Justiça da Paraíba a fim de proceder a distribuição e devolução à Vara do Júri da Comarca de João Pessoa, ante a incompetência deste Sodalício para processar e julgar o feito em tela, em face das circunstâncias acima mencionadas. Publique-se. Intime-se. Dê-se ciência

à Douta Procuradoria. Após o trânsito em julgado da presente decisão remeta-se ao juízo competente com baixa definitiva na Distribuição deste TJPE. Cumpra-se. Recife, 09 de julho de 2018. Des. Daisy Maria de Andrade Costa Pereira Relatora